

Redes de formação docente e o desafio de *pensar praticar*
princípios outros como constitutivos de processos formativos

*Teaching training networks and the challenge of
thinking practicing other principles as fundamental to
educational processes*

*Redes de formación docente y el desafío de pensar practicar
princípios otros como constitutivos del procesos formativos*

Adriana Varani
Faculdade de Educação - UNICAMP
avarani@unicamp.br
<https://orcid.org/0000-0002-7480-4998>

Carmen Sanches Sampaio
Professora da Escola de Educação da UNIRIO
carmen.sampaio@unirio.br
<https://orcid.org/0000-0001-8654-4428>

RESUMO

Neste texto compartilhamos narrativamente modos de pensar, viver e sentir a formação docente em redes a partir da nossa participação no *IX Encuentro ibero-americano de colectivos y redes de maestros, maestras, educadores, educadoras que hacen investigación e innovación desde la escuela y comunidade*, em que houve a vivência das Mingas de Pensamento Pedagógico. Também socializamos a repercussão desta experiência no *pensar fazer* coletivo na realidade brasileira. Defendemos que a perspectiva epistêmico-prática ética, política da *formação docente em redes* é um gesto-ação-cotidiana de *contracolonização* e de defesa pela formação de professores autores e pesquisadores de sua própria prática. Enredada à experiência, discutiremos os seus princípios de solidariedade e horizontalidade das redes de coletivos docentes da América Latina.

Palavras-chave: Redes de coletivos docentes. Formação docente. Horizontalidade.

ABSTRACT

In this study, we narrate ways of thinking, living and feeling the teacher training networks based on our participation in the *IX Encuentro ibero-americano de colectivos y redes de maestros, maestras, educadores, educadoras que hacen investigación e innovación desde la escuela y comunidade*, in which we experienced the dynamic *Mingas do Pensamento Pedagógico*. We also share the repercussion of this experience in our collective *thinking doing* regarding the Brazilian scenario. We argue that the perspective epistemic-practice theory, ethical and political of teaching training networks is a daily-gesture-action

of *countercolonization* as well as of defense of the education of teachers who are also authors and researchers of their own practice. Intertwined with the experience, we discuss the principles of solidarity and horizontality of these teaching collective networks in Latin America.

Keywords: Teaching collective networks. Teacher training. Horizontality.

RESUMEN

En este texto compartimos narrativamente formas de pensar, vivir y sentir la formación docente en red a partir de nuestra participación en el IX Encuentro Iberoamericano de colectivos y redes de docentes e educadores que hacen investigación e innovación desde la escuela y la comunidad., en el que se contó con la experiencia de Mingas de Pensamento Pedagógico. También socializamos la repercusión de esta experiencia en el pensamiento colectivo en la realidad brasileña. Defendemos que la perspectiva epistémico-práctica, teórica, ética y política de la formación docente en redes es un gesto- acción-cotidiano de contracolnización y defensa para la formación de docentes autores y investigadores de su propia práctica. Enredados en la experiencia, discutiremos sus principios de solidaridad y horizontalidad de las redes de colectivos docentes en América Latina.

Palabras clave: Red de colectivos docentes. Formación docente. Horizontalidad

Não basta descolonizar é preciso contracolnizar.
Nêgo Bispo, 2022.

*(...) Contracolnizar é a capacidade contínua, perspicaz e tática
de contrariar a lógica e o padrão dominantes.*

*(...) A lição é sermos ouvintes, falantes, leitores e escritores
das múltiplas gramáticas das matas, chãos, águas, céus, espíritos
e tempos desses e de outros mundos.*

Tarefa difícil, sim.

*Quase inalcançável se nos mantivermos na arrogante pretensa totalitária,
mas possível se nos permitirmos ser aprendizes.*

Luiz Rufino, 2022.

*Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho:
os homens [e todes] se libertam em comunhão.*

Paulo Freire, 1987.

Nêgo Bispo é Antônio Bispo dos Santos, Mestre respeitado do território Quilombo Saco do Curtume, no sertão do Piauí. Ao lermos o que discute e afirma de

que *não basta descolonizar é preciso contracolonizar* remetemo-nos ao também Mestre Paulo Freire, Patrono da Educação Brasileira que há muito afirma que ninguém liberta ninguém e, tão pouco sozinho/a. Em comunhão, a possibilidade de libertação ganha corpo, vida, sentidos e, para nós, potencializa apostas vivenciadas, há três décadas, **na e com** as redes de formação docente existentes em diferentes países da nossa latino américa. Estamos enredadas a essas redes *latinoamericanas* através de uma rede brasileira, a Rede Formad (Rede de Formação Docente: narrativas e experiências¹).

Luiz Rufino, professor-pensador-capoeirista-pesquisador, autor de *Pedagogia das Encruzilhadas* (2019) e *Ciência encantada das macumbas* (2018) nos presenteia no livro *Quatro Cantos* (2022) com o texto *Cachaça e fumo na boca da mata*. Neste texto, conceitos de autoria de Nêgo Bispo- *contracolonização, confluência, biointeração e cosmofofia-*, são apresentados e discutidos por Rufino de um modo transgressor e exusíástico convidando-nos a pensar e agir buscando táticas e astúcias cotidianas para *contracolonizar*.

Defendemos que a perspectiva epistêmico-*prácticateórica*², ética e política da *formação docente em redes* é um gesto-ação-cotidiana de *contracolonização*. Optamos, então, por socializar e compartilhar, neste artigo, modos de pensar, viver e sentir a formação docente em redes a partir da nossa participação no IX

¹ Rede criada por um grupo de professoras, vinculadas a Escola Básica e a Universidade, estudantes do Curso de Pedagogia e da Pós-graduação, no ano de 2010, na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). À época, nos reuníamos, mensalmente, nesta universidade após o encontro do FALÉ (Fórum de Alfabetização, Leitura e Escrita) para pensar, narrar e conversar sobre a prática alfabetizadora cotidianamente experienciada com crianças e jovens e, neste movimento, íamos vivenciando um processo de formação docente (com)partilhado. Nos nomeamos como Rede Formad para participarmos do *VI Encuentro Ibero-americano de Colectivos Escolares y redes de Maestros/as que hacen investigación desde la Escuela*, realizado em Córdoba, Argentina, no ano de 2011. Alguns textos registram o movimento experienciado, por nós, nesse processo formativo de enredamentos alargadores de mundos, potencializadores de nossas vidas. Indicamos a leitura: (SAMPAIO; GOMÉZ SOSA; RIBEIRO, 2022), (SAMPAIO, 2021), (RIBEIRO; SAMPAIO, 2020).

² Fizemos a opção por trazer alguns termos grafados juntamente com o propósito de indiciar aspectos com os quais trabalhamos epistemologicamente. O primeiro se refere ao fato de que alguns termos carregam conceitos que não são opostos, como hegemonicamente se veicula. Eles são complementares. É o caso de *prácticateórica*. Em outros momentos a grafia conjunta indica que ações não são separadas, como o exemplo de *pensarpraticar*. Esta postulação está relacionada à forma como produzimos conhecimento que, de alguma forma, não acompanha a lógica dicotomizada de produzir conhecimento da sociedade Moderna, embora esta tenha sua relevância.

Encuentro ibero-americano de colectivos y redes de maestros, maestras, educadores, educadoras que hacen investigación e innovación desde la escuela e comunidad que aconteceu, de forma remota, nos dias 1, 2 e 3 de dezembro do ano de 2021, ainda no contexto de uma Pandemia Mundial, a da Covid/19.

Ibero, uma rede de redes...

Os encontros ibero-americanos acontecem desde o ano de 1992. Os cinco primeiros encontros - o 1º em 1992, em Rábida, Espanha; o 2º, no ano de 1999, em Oaxtepec, México; o 3º, 2002, em Santa Marta, Colombia; o 4º, 2005, em Lajeado, Brasil e o 5º, no ano de 2008, em distintos Estados da Venezuela - são considerados a “base” para a criação da Red Iberoamericana. (Duhalde, 2009).

O ibero foi, ao longo dos anos, constituindo-se rizomaticamente como uma *rede de redes*. Reúne, a cada encontro, um número expressivo de redes, coletivos de docentes e/ou de educadores/as vinculados/as a diferentes países da América Latina e também da Espanha. No último encontro, o *IX Ibero-americano*, que teve como anfitrião o *Colectivo de Convocantes de Colombia*, contamos com a participação de 24 redes convocantes, redes representativas em seus países e localidades responsáveis por articular, de modo coletivo e colaborativo, modos de pensar e praticar o trabalho de formação docente em redes³.

Ao longo do ano de 2021, lembramos que, ainda no contexto da Pandemia da COVID/19, as redes convocantes, sob a coordenação do *Colectivo de Convocantes de Colombia*, se reuniram, de modo remoto, para re-pensar o *IX Ibero-americano*, previsto inicialmente para acontecer de modo presencial, no ano de 2020. Somos, então, convidadas/os a assumir, neste Ibero, como metodologia de trabalho a *Minga de Pensamiento Pedagógico*. Lembro-me dos sentimentos registrados nas conversas, entre nós, na sala virtual: curiosidade, dúvidas, (des)conhecimentos e uma vontade de saber mais sobre as Mingas levando-nos a vivenciar, em um outro

³ No Brasil, temos duas redes convocantes: a Rede Rie (Rede de Investigação na Escola) e a Rede Formad (Rede de Formação Docente: narrativas e experiências). Redes que enredam, constitutivamente e de modo rizomático, outras redes e coletivos docentes.

encontro, um *Taller Internacional - Mingas de Pensamiento Pedagógico*, organizado pelo *Colectivo de Convocantes de Colombia*.

No relatório deste encontro, um documento-memória, encontramos:

En sus búsquedas, el Colectivo de Convocantes de Colombia conoce uno de los legados de las comunidades indígenas, las **“Mingas de Pensamiento”**: forma colectiva que permite el encuentro de las comunidades indígenas para la unión de criterios y de fuerza de trabajo hacia un objetivo común. En las mingas se recrea la reciprocidad, la unidad, la solidaridad. Consideramos que las Mingas de Pensamiento aportarán a la construcción y consolidación de la Red Iberoamericana por el trabajo colectivo que en estas se adelanta, la apertura a la construcción de caminos de saber, de espacios para escuchar, pensar y hacer y la apertura para conversar y pensar juntos de manera permanente, en nuestro caso de quienes investigan e innovan en las redes y colectivos desde la escuela, con la comunidad en los territorios, con miras a la emancipación.

En este cruce de saberes de las comunidades indígenas y de los Encuentros Iberoamericanos nombramos la metodología como Minga de Pensamiento Pedagógico. Sus saberes son nuestro referente, aprenderemos de ellos, los tomaremos prestados para fortalecerlos. (Redes Colectivos Colombianos, Relatoría del Taller Internacional – Mingas de Pensamiento Pedagógico, 18/09/2021, grifos nossos).¹

A origem do termo minga está vinculada ao modo de trabalho comunitário das culturas andinas, das comunidades indígenas localizadas na cordilheira dos Andes desde Chile até Colombia (Grupo Minga Pacífico, 2020). Um modo de trabalho com benefícios coletivos no mundo agrícola, na terra mãe.

Nace em grupos y sociedades rurales com el propósito de construir obras de infraestructura. Es próprio de ella ser um trabalho de tipo voluntario que brota e uma condición social ancestral, por lo tanto, que no está regulado por ninguna norma legal (2020, p. 32).

Há alguns sentimentos e valores que habitam as mingas, a saber: solidariedade, companheirismo, trabalho em equipe, colaboração, trabalho pelo bem comum.

A minga tem o significado de trabalho solidário em comunidades que se opõem ao trabalho abstrato e alienado, portanto vai se fazendo como antítese do

capitalismo. Não se reduz a uma forma de trabalho alienado e alienante, pois se configura a um “estar com os outros na diversidade, um princípio de vida” (Grupo Minga Pacífico, 2020, p. 37).

As mingas de pensamento são entendidas como o processo de construção coletiva do conhecimento, uma reflexão comunitária a partir da ação coletiva. As reuniões tradicionais (neste caso especialmente movimentos de grupo populares de colombianos do sul) congregam para pensar, dialogar, trocar saberes, coordenar e executar ações que buscam responder às suas necessidades como coletivo (Grupo Minga Pacífico, 2020).

Os/as educadores e educadoras (acrescentaríamos populares) da Colômbia projetaram uma dinâmica de trabalho fundada na cultura dos povos originários. *Espaçotempo* para se vincular às raízes culturais de um povo e principalmente, para não esquecer, como lembra-nos Kaltmeier (2020), que os povos ancestrais são portadores de conhecimentos. E sua luta por manutenção desta cultura é ponto crucial e inegociável para a sobrevivência no mundo.

Ainda na *Relatoría do Taller Internacional*, a defesa das **Mingas de Pensamiento Pedagógico** como metodologia do IX Ibero:

Las Mingas de Pensamiento Pedagógico nos permite hacer el tránsito del ejercicio expositivo, de la fragmentación del conocimiento en las mesas de trabajo, a un espacio en el que nos integramos de manera democrática horizontal; en el que damos apertura a espacios dialógicos en los cuales se escuchan las voces de los y las protagonistas de prácticas pedagógicas innovativas e investigativas. También nos permitirá tejer lazos de hermandad y solidaridad, entre las redes y colectivos de los diferentes países (Redes colectivos, colombianos, Relatoría del Taller Internacional – Mingas de Pensamiento Pedagógico, 18/09/2021).

E, sobretudo, um pouco do vivenciado, entre nós:

Desde la elaboración de la convocatoria y hasta la fecha, en las diferentes reuniones internacionales y del Colectivo de Convocantes de Colombia hemos avanzado en la construcción del sentido y proceso metodológico de las Mingas de Pensamiento. En el taller volvimos sobre lo construido para afinar la propuesta y concretar los criterios orientadores para su realización. Lo hicimos a través de las siguientes preguntas: ¿cuál es su comprensión sobre la Minga de

Pensamiento Pedagógico en el marco del IX Encuentro Iberoamericano? ¿qué dudas e interrogantes le han surgido sobre el sentido y proceso metodológico de las Mingas de Pensamiento Pedagógico en el marco del IX Encuentro Iberoamericano? (Redes Coletivos Colombianos, Relatoría del Taller Internacional – Mingas de Pensamiento Pedagógico, 18/09/2021).

Perguntas que provocaram movimentar de modo coletivo e singular o pensamento, através de uma metodologia constitutiva das *Mingas de Pensamiento Pedagógico*:

Figura1: Foto da apresentação da metodologia das Mingas de Pensamiento Pedagógico



Fonte: Acervo pessoal

Ao reler essa Relatoria, nosso documento-memória, outras lembranças afloram. Eu, Carmen, record-me de Milena, uma das responsáveis pela harmonização, uma professora indígena do Sul da Colômbia que nos conta que é artesã e docente indígena. Ouço, ainda, o som do “berrante”, da flauta andina, de madeiras que se tocavam parecendo dançar ao produzirem um som acolhedor e carinhoso enquanto Milena ia dizendo-nos: “somos filhos da Madre Terra, um território sagrado”; “somos mensageiros da palavra que nos permite pensar e atuar bonito, a seguir tecendo redes...” .

E Margarita, professora colombiana, nas *Palabras Mayores*, inicia com a pergunta: “o que são as Mingas de Pensamiento Pedagógicas? E, logo em seguida, pede permissão aos nossos ancestrais indígenas para acessarmos as mingas.

Ressalta, vamos pedir emprestado esse saber milenário! Ao som de pássaros, ao fundo, foi lendo os objetivos do IX Ibero, uma grande rede “*sentirpensante*”:

- a) Visibilizar en los diferentes escenarios del IX Encuentro las propuestas pedagógicas transformadoras y emancipadoras que vienen construyendo las y los participantes de las redes de América Latina y España.
- b) Construir acciones de movilización social y pedagógica del pueblo Latinoamericano y de España en las cuales quede consignado el camino a la emancipación frente a las políticas públicas en educación que se vienen imponiendo en América Latina y España.
- c) Integrar nuevas redes y colectivos desde un posicionamiento ético, político y pedagógico con carácter emancipador plasmado en los principios, propósitos y acciones de la Red iberoamericana.
- d) Fortalecer la red de redes y colectivos de educadores de América Latina y España. (In: Convocatória do IX Encuentro Iberoamericano, Colombia, 2020).

Ouvir, falar, conversar, vivenciar a circulação da palavra exige de nós, pessoas desta época e desses tempos corridos, parar, se fazer presente, acalmar, escutar, sentir... Somos corpo, natureza, história, cultura, palavra. Articulações entre elementos naturais e históricos nos constituem enquanto sujeitos-pessoas que somos. O professor-filósofo Wanderson Flor do Nascimento nos fala sobre essa complexa noção de sujeito-pessoa para a maior parte das sociedades tradicionais africanas, ao pensar algumas percepções africanas sobre formação (2020, p. 40).

As Mingas de Pensamento Pedagógico, experienciadas nos encontros internacionais de preparação do IX Ibero e no próprio Ibero, são para nós, opções não apenas metodológicas, mas, sim, ações que apostam na *contracolonialidade* (Nêgo Bispo) porque se inscreve no campo da nossa ancestralidade indígena-africana. Ancestralidade, ressalta Wanderson Flor do Nascimento, não é apenas uma relação que se estabelece com os ancestrais:

é também, e sobretudo, uma lógica de continuidade que confere sentido – desde o presente – ao passado, dando forma à memória. (...) A ancestralidade é sempre uma existência relacional, que liga, inclui e se move na perspectiva da multiplicidade – haja visto que somos herdeiros de diversos ancestrais. (...) A memória, espelho da ancestralidade, emini movimentação vinculante com a palavra falada, apresenta-se como uma manifestação da história que não cessa de mover-se tanto na direção ao passado, quanto ao presente. O mundo,

a vida, a existência são lidos pela ótica desta ancestralidade. (Flor do Nascimento, 2020, p. 42).

Cosmologias e epistemes outras, outros modos de pensar, estar, viver, de se relacionar consigo próprio e com as outras pessoas que apostam na interrogação e transgressão da métrica dominante colonialista que ignora, submete, inferioriza e tem oprimido, historicamente, cosmogonias e visões de mundo que se afastam do “discurso canônico que tenta convencer os inferiorizados da suposta supremacia natural de alguns emini” (Simas, 2021, p. 19). E é com o próprio Simas, o Luiz Antonio Simas, que aprendemos: “(...) para os congos é na palavra que reside o poder primeiro de encantar o tempo”.

Um tempo intenso, o vivido antes e no próprio encontro do Ibero. Assumimos, Rede Rie e Rede Formad, a responsabilidade por coordenar uma Minga de Pensamento Pedagógico, a da sala 2, uma entre as 18 salas virtuais do IX Ibero. Ana Paula, professora alfabetizadora e contadora de histórias, encantadora de tempos, responsável pela *harmonização*⁴, saúda e pede licença aos ancestrais-ancestrais negros e negras. Realiza uma saudação a sua mãe e deseja que possamos vencer as demandas da vida: essa pandemia mundial e esses tempos difíceis. Destaca que rituais como esse fazem com que essas histórias tragam sentidos. Ressalta que, como mulher negra, os ventres femininos a tocam com força. A história a ser contada traz a mulher, o que ela representa: proteção, cuidado, ventre gerador de vida, guerreira, o corpo feminino – o vento. Nós ventamos: boca, ventre, professamos palavras quentes, sacudindo axé.

A História é contada!!! Nos colocamos a ouvir!!!

A história trata também da celebração da presença, das memórias... Por meio desta história, Ana Paula deseja que os ventos de *Oyá* tragam vida, força e

⁴ MOMENTO ARMONIZACION - Ritual en el que los asistentes se disponen a unir sus fuerzas en el trabajo colectivo. Si dentro de sus Redes/Colectivos adelantan procesos con las comunidades ancestrales, lo pueden orientar ellas y ellos, en caso contrario lo abordan, maestras, maestros, educadoras, educadores que se han aproximado a estos procesos. (Relatoría do Taller Internacional – Mingas de Pensamiento Pedagógico, 18/09/2021)

proteção. Que *Oyá* traga de volta nossas vidas e nossas memórias, nossos entes que não resistiram a essa pandemia... deseja que assim seja nosso encontro, de bons ventos.

Aline Dorneles, co-coordenadora da Rede Cirandar, uma rede brasileira, enredada a Rede RIE e, também, a Rede Formad contextualiza o evento no contexto de apresentação das/os docentes e redes, presentes neste dia, na sala 2. Éramos 40 participantes vinculadas/os a redes brasileiras e colombianas.

No **Círculo da Palavra** Aline convida os/as participantes/as para que compartilhem as *ideias fortes* sobre o vivido durante a pandemia. Duas perguntas foram orientadoras:

- Em que sentido a pandemia transformou e potencializou o nosso ser maestro/a/educador/a/comunidade a partir do olhar da investigação educativa, inovadora e emancipatória.
- Em que medida a experiência pedagógica apresentada por cada docente/rede se transformou na atual situação de pandemia?

As palavras começam a circular a partir das perguntas do primeiro bloco para que os/as participantes/redes pudessem refletir, coletivamente, sobre as ideias forças que as questões sugerem.

Como temos vivido neste tempo de pandemia o princípio de investigar a própria prática? Para o grupo, a investigação da própria prática é um princípio prático-teórico constitutivo de nossas ações educativas/pedagógicas...

Os encontros- antes, no próprio IX Ibero e depois, no pensar sobre o vivido-, foram *espaçostempos* privilegiados para dar-mo-nos conta da potência dos processos formativos experienciados. Sabemos ser nos encontros com outras pessoas que a possibilidade de tornarmo-nos diferentes do que temos sido, se atualiza, afinal, insiste Flor do Nascimento (2020, p. 45), “a formação é uma experiência coletiva, comunitária, constante, permanente”. Essa é, para nós, a

boniteza, no dizer de Paulo Freire, desse processo e, talvez, por isso, nos enrede e nos encante!

Pensarpraticar – aprendentes de redes

Decorrente da experiência de viver o Encontro Ibero de 2021, olhamos com mais cuidado para os vínculos que estabelecem coletivos docentes do estado de São Paulo, mais especificamente de grupos que, em sua maioria, estão na Região Metropolitana de Campinas, de modo a projetar e formalizar uma rede de coletivos desta localização.

Quando nos dispusemos⁵ a fazer o chamamento para esta vinculação, fomos reconhecendo os laços instaurados entre nós: um fio puxa o outro. Neste caso: uma lembrança puxa a outra. E vamos assim, de nome em nome, listando os grupos que habitam nossa coletividade. A lista vai seguindo: GREEFA/Unesp; GTC Freinet; Coletivo de professores da educação integral; Coletivo de Educadores; GruPAD; GRECOTIDIANO, Grupo de Terça/GEPEC; POLIFONIA; FMEIC.

Alguns já conhecidos e próximos, outros conhecidos mais distantes e outros a se conhecer. Como uma teia, os enredamentos foram se formando. Parecia-nos que simbolicamente a rede já existia, o que faltava era um nome.

Desde dezembro de 2021, vimos nos articulando para este re-encontro, que ocorreu no ano de 2022, em três ocasiões. Este re-encontro para re-conhecimento, foi confirmando que, em parte, a rede já existia e as frentes de luta eram muito semelhantes. Em determinado encontro foi sugerido que Com-Viver nos representava, vivemos compartilhando lutas. E assim, a primeira proposta de nome foi lançada.

Os coletivos estão em diferentes frentes de atuação. Há grupos que se organizam pela via sindical, outros que luta pela profissionalização da atuação na educação infantil, outros que estão vinculados à universidade, ao campo da

⁵ A mobilização desta rede foi encorajada pela professora Carmen Sanches através de conversas em diferentes momentos. E encaminhada pelas professoras Inês F. S. Bragança, Natalina Farias, Adriana Varani, e pelo professor Guilherme do Val Toledo Prado.

educação e cultura. Há interesses pedagógicos que unem os grupos, condição para ser rede (Martinez, 2006). Em narrativas potencializadas nos encontros ao longo do ano, estamos percebendo que o que os une é a luta coletiva pela ressignificação da valorização do trabalho do profissional da educação e o reconhecimento de seu status de intelectual e pesquisador, autor e investigado de sua prática pedagógica.

Uma dentre tantas características dos grupos que compõe as redes é que são constituídos de forma autogestionária (Martinez, 2006). Os interesses são definidos pela demanda coletiva. Não há hierarquia, não há instituição que os tutore. Estamos a nos reunir pelas necessidades e não pela obrigatoriedade do encontro. Lembramos de uma colega argentina Cecília Tanoni, para quem as redes são ingovernáveis. Pensamos que as redes de coletivos se movimentam pela decolonialidade e pela contracolonialidade, quando ingovernáveis, quando não institucionais. E assim, ao olhar para cada um destes grupos, mesmo aqueles que se encontram na universidade não há governabilidade, pois não estão submetidos à lógica institucional, não estão institucionalizados, são espaços instituintes no interior de instituições.

Tomemos a história de um destes grupos, o GRECOTIDIANO (Grupo de Estudos Cotidiano Escolar, formação e práticas pedagógicas). É um grupo de estudos de professores da educação básica que se encontram na universidade, sob a coordenação de uma professora da casa, para pensarem suas formas de *praticarpensar* as ações no interior da escola. Acreditam, e radicalmente é assumido, que não há conhecimento educacional, especialmente das práticas pedagógicas, que possa se eximir do reconhecimento da complexidade das relações que se estabelece no cotidiano escolar, por isso o grupo está na universidade. Os *dizeresfazer* de professoras e professores são essenciais no campo do conhecimento educacional. Ao mesmo tempo que o GRECOTIDIANO vai na contramão do pensamento hegemônico do interior da universidade. Guardar o grupo no interior do instituído pressupõe andar no movimento contra-hegemônico da instituição. Ele produz fissuras instituintes quando assume seus princípios e age no lugar do fraco (Certeau, 2001), dentro do espaço do forte (instituído). O grupo

vai cavando espaços de uma nova relação, contracolonizada de produção de conhecimento no campo educacional.

Seus espaços de constituição é o lugar instituinte, o espaço não oficial, as brechas institucionais em que nos deslocamos em tempos e lutas incansáveis. No espaço instituído cravado pela lógica racional, de *temposespaços* rígidos, de políticas colonizadoras, homens e mulheres fazem relampejar relações instituintes de aprendizado coletivo de re-existência. Fazem relampejar ações solidárias abertas às includências. (Linhares e Heckert, 2009).

Princípios nos modos de *viverpensar* em rede

Re-conhecer⁶ a legitimidade da ciência proveniente de diferentes povos/culturas pressupõe sua escuta, e conseqüentemente, o re-conhecimento que são formas mais, inclusive, humanas de constituir o mundo. São formas mais humanas, que se encaminham a *pensaragir* em nome de uma sociedade baseada na solidariedade, igualdade, com justiça social. As Mingas de Pensamento Pedagógico nos convidam a este movimento no campo da educação, nos convidam a habitarmos modos de ser e viver de nossa ancestralidade, com valores diferentes do projeto societário hegemônico, que intensificam desigualdades sociais e exclusão.

Nós, professoras e professores, em contextos distintos de atuação, somos portadores/as de conhecimentos. E também estamos vinculados/as a tantas culturais locais que são, permanentemente, esquecidas pela escola que é regida, muitas vezes, pelos *temposespaços* rígidos, fixados pela normatividade da cultura de um projeto eurocentrado.

Arias Ochoa (2003) em seu texto de introdução às leituras do que são as redes, nos lembra que elas têm como propósito

abrirnos espacios, trabajar para que se escuche la voz del

⁶ Hifenizamos o prefixo “re” que habita algumas destas palavras para reforçar a repetição, o reforço. Re-conhecemos porque podemos já conhecer, inclusive através de nossas ancestralidades. Logo, mobiliza, portanto, um movimento de volta, de retorno, de deslocamento.

profesor, y se recupere su papel protagónico en la comunidad educativa. Y junto con esto, el de los alumnos, padres, asesores externos; de tal modo que estemos desde la escuela dispuestos a conectar visiones entre los de adentro y los de afuera, a compartir y construir la cultura escolar, para así generar el movimiento de una comunidad viva. (p.1).

Decolonizar, ou como propõe Nêgo Bispo, contracolonizar o trabalho pedagógico é uma das finalidades da organização/vivência nos coletivos. Professoras e professores não podem continuar a ser colonizadas em seus fazeres. Como lembra Duhalde (2015), as redes são uma boa ação de resistências aos processos de mercantilização da formação de professores.

Quando defendemos a escuta dos profissionais da educação e reconhecemos os seus fazeres, saberes e conhecimentos como legítimos e quando a academia passa a defender o professor pesquisador e a professora pesquisadora, nos conduzimos para a quebra das amarras, das algemas que violam o direito de professores saberem e conseqüentemente o direito e defesa dos conhecimentos também das crianças, jovens e adultos. Porque se a formação docente é baseada no reconhecimento de sua autoria, também o é, na perspectiva do isomorfismo pedagógico, o reconhecimento de que crianças, jovens e adultos que fazem escola, são autores e autoras da vida, são fundamentais na produção e perpetuação de culturas distintas.

As redes de coletivos têm suas peculiaridades tanto em suas gêneses, suas vinculações, seus temas. Entretanto todas têm um eixo comum que é se constituir como espaço de potencialidade, de luta, de inventividade, de se auto afirmarem em suas autorias.

Há algum consenso entre a maioria das redes que segundo Arias Ochoa (2003)

no podemos esperar a que se degrade más el servicio que ofrecemos, no es posible seguir con el planteamiento de que desde arriba u desde afuera de la escuela nos digan que, cuándo y como debemos hacer, para que todo siga igual, a veces mejore y despues nuevamente empeore; necesitamos tomar la iniciativa, puede seguir así, requerimos organizar nos em pequenos grupos, colaborar e

intercambiar entre nosotros; **para construir trabajos de investigación sobre los problemas escolares significativos.** (p. 1).

Derivado deste consenso existente, a dinâmica de trabalho das redes é pautada pela luta contrária ao lugar subalternizado e desvalorizado predominante nas políticas de formação docente historicamente. Ela tem sido secundarizada em sua relevância e submetida a programas e planejamentos políticos pensados centralmente, sem relevar as realidades locais sócio-política-culturais. E tem também passado por processos de intensificação e precarização (Souza, 2011).

As redes são espaços de solidariedade (SAMPAIO, RIBEIRO E VENÂNCIO, 2017) diante deste quadro de precarização e desvalorização. Um encontro de diferentes mas iguais em suas lutas para, nas brechas do instituído, produzir experiências que potencializem fissuras instituintes, aquelas que desloquem professores para o campo da contracolonização e produzem frentes de re-existência ao que estão submetidos. Solidariedade se constitui como princípio do trabalho em redes de coletivos.

Expôr uma leitura no campo da formação de professores, pressupõe um posicionar-se política, social e pedagogicamente. O *pensarpraticar* formação em coletivos docentes de escolas pública tem uma intencionalidade pautada na luta histórica pela valorização do trabalho docente, que passa pelo re-conhecimento que professores são pesquisadores/autores (Geraldi, Fiorentini e Pereira, 1998) de seu *praticarpensar* cotidiano. Em contraposição às condições de desvalorização docente, e a favor da descolonização de suas práticas cotidianas, a partir da década de 1990 passamos a viver um intenso movimento pela defesa da formação de professores pesquisadores (Geraldi, Fiorentini e Pereira, 1998; Lacerda e Garcia, 2002; Garcia, 1998). Uma formação que já não é mais de submissão ao discurso alheio, e sim, da defesa que as e os professores têm papel preponderante no processo de reflexão sobre o seu trabalho e de definição de caminhos da sua profissão. Por que ensino o que ensino e como ensino o que ensino? Estas perguntas constam no livro *Cartografias do Trabalho Docente* e foram/são disparadoras para refletirmos sobre o que pensamos/praticamos enquanto professores. Vão se configurando vários trabalhos nesta defesa, dentre

eles aqueles que reconhecem que há saberes/conhecimentos produzidos por docentes no compartilhamento das práticas entre professores-pesquisadores e pesquisadores-professores e entre universidade e escola (Prado, 2007).

E na defesa da formação pela e com a pesquisa, pela defesa da autoria, há um elemento que se presentifica fortemente, que é a dimensão do trabalho coletivo. Não vamos nos fazendo sozinhos na prática pedagógica. A tessitura se dá pelo e com o outro, em que a linguagem tem papel crucial à medida que nos constitui e por ela vamos constituindo nossas relações, conseqüentemente vamos produzindo o campo da educação. Geraldi (2003) lembra que na tensão do encontro entre o eu e o tu, na interação, “se constrói a linguagem enquanto mediação sógnica necessária. Considerando a dimensão relacional do trabalho, este se configura com e a partir do outro, essencialmente entre sujeitos humanos. Praticamos porque existimos em coletivo e nossa atuação é resultado das interações vividas pelos e entre os sujeitos e traz no seu bojo adimensão da criação pelos e com mulheres e homens.

Encontramos o princípio da solidariedade do trabalho em grupo no reconhecimento que nos constituímos sujeitos históricos nas interações, no grupo. A dimensão da formação de professores na relação entre pares, em redes e coletivos, está vinculadas às instâncias político-pedagógicas de solidariedade (SAMPAIO, RIBEIRO E VENÂNCIO, 2017). Sampaio (2020) nos lembra da potência das redes em “fortalecer a democratização da produção do saber pedagógico e do debate atual sobre o lugar da investigação educativa na formação docente e no cotidiano das escolas de educação básica.” (p. 4)

As redes são também um projeto que reconhece a horizontalidade como princípio de atuação, de formação, de pesquisa, como argumenta Duhalde (2012). Uma das características do trabalho em redes, assim também como a dinâmica dos Encontros do Ibero é a prática da palavra que circula, que encontra com os outros. Assim também o é nas Mingas de Pensamento Pedagógicos, em que os conhecimentos são coletivizados e resultados de ações coletivas. E todos ocupam o mesmo espaço do dizer e não hierarquias pré-definidas.

Os coletivos são singulares! Tem suas características peculiares e suas histórias. No que se refere às formas de *pensarpraticar* carregam traços comuns. Traços que se manifestam também em determinados princípios, sempre epistêmicos, teóricos, éticos e políticos. Um deles é de que as palavras que ditas, escutadas, provocam novos sentidos nos diferentes sujeitos, sem a intenção de hierarquizá-las.

Como escreve Fanon (2008) “falar é absolutamente existir para o outro” (p. 33). Cada um dentro do coletivo traz suas histórias, suas posturas, seus posicionamentos no/com o mundo, em diálogo. E diálogo como lembra Paulo Freire (1980), como necessidade existencial para este posicionar-se e alterar o mundo. Estar no coletivo e na dinâmica dos encontros das redes, pressupondo a escuta, nos leva à tarefa de nos interrogar, de nos colocar em constante vir a ser, de transformação em diálogo. Este é um dos aspectos inegociáveis da horizontalidade: reconhecer que o outro nos movimenta, nos desloca, nos provoca, nos convida.

E a potencialidade do diálogo do dizer sobre si no intercâmbio com o outro, na alteridade premente do coletivo, constitui mulheres e homens como homo respondens, promovendo autorreflexividade e reconhecimento de quem somos nós ontologicamente (Kaltmeier, 2020). Há um mútuo processo de conhecimento.

Aqui o diálogo não é entendido como um mito igualitário do consenso romântico e muito menos como paternalismo de uma escuta complacente de diferentes sujeitos que, em muitas situações se encontram em lugares sociais distintos, como nos lembra Conejo e Rufer (2020). Conversa sem apagamento dos conflitos e das diferenças, mas no sentido de construção de um modo de ser e viver em que estes conflitos, as diferenças potencializem outros mundos possíveis.

Este é um dos grandes desafios de estar em coletivos e uma forma de ser e estar instaurada nos *temposespaços* dos encontros Ibero-americanos, como o foi na centralidade das Mingas de Pensamento Pedagógico, no ano de 2021. E, também, o é no espaço das expedições pedagógicas, uma das práticas comuns dos encontros Ibero-americanos.

As expedições pedagógicas são como um momento em que os participantes dos encontros realizam o conhecimento de diferentes instrumentos públicos de

educação no país anfitrião. Duhalde (2015) define as define como “una posibilidad alternativa de construir conocimientos, desde los recorridos compartidos por los territorios, y como una forma crítica de producir una geopedagogía” (p.95).

E estas expedições levam os profissionais da educação envolvidos a entrar nas realidades locais, a reconhecer estas realidades e os fazeres cotidianos, bem como entrar num contexto cultural daquele território. Morais (2016) a define “como uma ferramenta de formação docente, que cria um ambiente para a vivência de práticas de solidariedade, estabelecimento de diálogos multiculturais, ações nas quais conhecer o outro possibilita autoconhecimento e, portanto, a emergência de conhecimento-emancipação” (p. 63). E Araújo (2018) complementa como um deslocamento epistemológico e existencial. Vamos delineando a possibilidade do espaço das expedições pedagógicas serem espaços do reconhecimento da necessidade do giro epistemológico no campo da ciência em educação. As expedições pedagógicas contribuem para que as experiências comuns, de professores de diferentes localidades, sejam vistas e experienciadas em suas potencialidades, na sua existência enquanto espaços em que há produção de conhecimento. No encontro do Ibero-americano de 2021, as expedições foram experienciadas a partir de apresentações virtuais de diferentes instituições e práticas culturais.

Palavras para continuar o diálogo

Trouxemos para a conversa neste texto, nossa experiência com o *Encuentro ibero-americano de colectivos y redes de maestros, maestras, educadores, educadoras que hacen investigación e innovación desde la escuela e comunidade*, para dar a ver possibilidades de pensar, viver e sentir a formação docente através dos princípios da horizontalidade e solidariedade.

Princípios estes que, aliados a outros, como igualdade, ressignificam nosso modo de pensar os percursos formativos. Nesta ressignificação vamos entendendo que o campo da formação docente, dentre outras questões pertinentes para a conversa, requerem estratégias de luta a favor do reconhecimento do nosso status

de pesquisadores e de autores da prática pedagógica. Esta luta exige re-existência. Em rede de coletivos tal qual conversamos neste espaço, esta luta se fortalece.

As redes e os coletivos não se conformam, não se fixam, não se institucionalizam na burocratização. As redes são encontros de diferentes formas de dizer que professoras e professores, educadoras e educadores, profissionais da educação de forma geral, re-existem (VARANI, 2020) diante das condições de trabalho que vivem. E como num processo de re-existência o fazem em diferentes contextos, em grupos de estudos, em coletivos de trabalhadores, em reuniões episódicas e outras formas de se fazer no encontro. E re-existem porque estes encontros tem a pretensão de se fazer como *espaçostempos* de produção de formas de buscar liberdade, autonomia, criação e invenção na organização do trabalho docente.

Na condição de grupos que atuam como resistência, os coletivos trabalham com frequência com as artes de fazer e dizer, com as astúcias e táticas, como diria Michel De Certeau (2001), pois captam no tempo uma alternativa para alçar voos e resistir diante das condições de desvalorização. O encontro em redes de coletivo é a própria arte de fazer diante de estratégias políticas de desqualificação da educação pública. O sujeito ordinário, como lembra Certeau (*idem*), vive no cotidiano as formas possíveis de sobreviver diante do quadro que se instaura.

Uma mirada para o conjunto de redes e coletivos que constituem os encontros Iberoamericanos possibilita percebermos que em sua maioria são formados por profissionais da educação que estão na escola, no cotidiano escolar, outros estão vinculados a sindicatos, outros são vinculados à universidade, outros, a espaços educativos, em aldeias, em terreiros, em quilombos... Grupos, coletivos e redes que apostam na trama do instituinte. Lembramos com Linhares e Heckert:

(...) experiências instituintes são ações políticas, produzidas historicamente, que se endereçam para uma outra educação e uma outra cultura, marcadas pela construção permanente de um respeito à vida e uma dignificação permanente do humano em sua pluralidade ética, numa afirmação intransigente da igualdade humana, em suas dimensões educacionais e escolares, políticas, econômicas, sociais e culturais. (2009, p. 6).

Como redes, vamos nos infiltrando no terreno do instituído, preferencialmente nas brechas, nas pequenas oportunidades que vemos para, no encontro, nos fortalecermos e construir possibilidades de uma educação que interroge e se oponha ao que é hegemônico enquanto segregação, moralização, racismo.

E esta luta histórica do como as redes vão se infiltrando na dimensão do instituído está fortemente vinculado a um projeto societário, um projeto de reconhecimento das singularidades, das diferentes culturas, de *contracolonização*, “na desconstrução cotidiana de estereótipos, no combate a desigualdade e a discriminação que oprime populações que foram historicamente marcadas como inferiores, que foram desumanizadas, subalternizadas, violadas pelo racismo” (Flor do Nascimento, 2020, p. 94).

Esta luta não é vã e não acontece isoladamente. Como lembra Conceição Evaristo (2021), em “Olhos d’água”: “a gente combinamos de não morrer” e o combinado é coletivo. Para não morrer produzimos novos sentidos de vida nas brechas possíveis, como recuperando práticas ancestrais que leva cada um e cada uma ao lugar de horizontes possíveis de inéditos viáveis (Freire, 2014).

Referências

ARAÚJO, M.S. Com a roupa encharcada e a alma repleta de chão: processos formativos entre redes e coletivos docentes. In: SANGENIS, L.F.C, OLIVEIRA, E.F.R., and CARREIRO, H.J.S., eds. **Formação de professores para uma educação plural e democrática**: narrativas, saberes, práticas e políticas educativas na América Latina [online]. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018. Pesquisa em educação / Formação de professores series, pp. 259-281. Disponível em <https://books.scielo.org/id/ngnq4>. Acesso em 4 de abril de 2022.

ARIAS OCHOA Marcos Daniel, Los profesores en servicio organizamos una red iberoamericana, para colaborar con la transformación de la educación básica. Conferencias en el marco del Foro Mundial de Ecuación, Porto Alegre. 2003. Disponível em: <https://www.redires.net/?q=taxonomy/term/85> Acesso em 15 de março de 2022.

CERTEAU, M. **A Invenção do Cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

CONEJO, Ines. (et al.) **Horizontalidad : hacia una crítica de la metodología** 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires : CLACSO ; México : Centro de Estudios Latinoamericanos Avanzados -CALAS, 2020.

DUHALDE, M. A. Las redes de educadores/educadoras que hacen investigación educativa en el devenir del Movimiento Pedagógico Latinoamericano. In: Seminario de la Red-SEPA Encuentro Internacional de Pedagogías de Emancipación y Resistencia al Neoliberalismo, 12-13 de abril de 2012, Vancouver, Canadá.

DUHALDE, Miguel Ángel (Colectivo Argentino de Docentes que hacen Investigación desde la Escuela). **Investigación Educativa y trabajo en red: debates y proyecciones**. 1ª ed. Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico, 2009.

DUHALDE, Miguel Ángel. Trabajo docente y producción de conocimientos en redes y colectivos de educadores/as. In: **Educación y Ciudad** No 29 Julio - Diciembre de 2015. Disponível em <https://revistas.idep.edu.co/index.php/educacion-y-ciudad/article/view/8/6>. Acesso em 20 de março de 2022.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador : EDUFBA, 2008. Tradução de Renato da Silveira.

FLOR do NASCIMENTO, Wanderson. **Entre apostas e heranças - contornos africanos e afro-brasileiros na educação e no ensino de filosofia no Brasil**. 1ª ed. Rio de Janeiro: NEFI, 2020.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Paz e Terra, 2014d.

GARCIA, Regina Leite. A professora investigadora e o processo de produção de novos conhecimentos sobre a prática pedagógica. In.: **Anais do 9º ENDIPE**. Águas de Lindóia, SP: 1998.

GERALDI, C. M. G.; FIORENTINI, D.; e PEREIRA, E. M. de A. (Org.) **Cartografias do Trabalho Docente: professor/a-pesquisador/a**. Campinas: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil - ALB, 1998. (Coleção Leituras no Brasil).

GERALDI, J. W. A diferença identifica. A desigualdade deforma. Percursos bakhtinianos de construção ética através da estética. Campinas, 2003. In. Freitas, Maria Teresa; Souza e Jobim, Solange; Kramer, Sônia. **Ciências Humanas e Pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2003, pp. 26-38. (Coleção Questões de Nossa Época).

GRUPO MINGA PACÍFICO. Luz Angela Quintero, Ramiro Campos, Leonardo Rojas, Adriana Padilla. **Minga de pensamento: cognición enactiva e mediación pedagógica**. Doctorado em Educación, Universidad la Salle, San José CR, octubre de 2020.
https://issuu.com/adriano868/docs/minga_20de_20pensamiento_20cognici_c3_b3n_20enact. Acesso em 30 janeiro de 2023.

KALTMEIER, Olaf. Horizontal en lo vertical. ¿O cómo descolonizar las metodologías en contextos de extrema desigualdad y de la crisis planetaria? IN: CONEJO, Ines. (et al.) **Horizontalidad : hacia una crítica de la metodología**. 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires : CLACSO ; México : Centro de Estudios Latinoamericanos Avanzados -CALAS, 2020.

LACERDA, M. P. (Org.) ; GARCIA, Regina Leite (Org.) . **Quando Falam as Professoras Pesquisadoras**. 1. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. 156p .

LINHARES, Celia e HECKERT, Ana Lucia. Movimentos instituintes nas escolas: afirmando a potência dos espaços públicos de educação. **RevistAleph**, n. 12, 22 set. 2009. Disponível em <https://periodicos.uff.br/revistaleph/article/view/38931>. Acesso em 15 junho de 2022.

MARTINEZ, María Cristina La figura del maestro como sujeto político: el lugar de los colectivos y redes pedagógicas en su agenciamento Educere, vol. 10, núm. 33, abril-junio, 2006, pp. 243-250 Universidad de los Andes, Mérida, Venezuela.

PRADO, Guilherme do Val Toledo, CUNHA, Renata Cristina Oliveira Barrichelo.(orgs) **Percursos de autoria. Exercícios de pesquisa**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007.

RIBEIRO, Tiago; SAMPAIO, Carmen Sanches. **Conversa, partilha e formação docente: o Fórum de Alfabetização, Leitura e Escrita (FALE)**. Revista FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v.29, n.. 57, p. 203-218, jan./mar. 2020.

REDES, Coletivos Colombianos. *Ibero-americano de colectivos y redes de maestros, maestras, educadores, educadoras que hacen investigación e innovación desde la escuela y comunidad. Relatoría del Taller Internacional – Mingas de Pensamiento Pedagógico*. Colombia: (s.n), 2021

RUFINO, Luiz. Cachaça e fumo na boca da mata. In: SANTOS, A, B; MUMBUCA, Ana; MAIA, Joviano; RUFINO, Luiz. **Quatro Cantos**. N-1 edições + roça de quilombo, 2022.

RUFINO, LUIZ. *Pedagogia das encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SAMPAIO, C.; RIBEIRO, T.; VENÂNCIO, A. P. Formação em rede: a potencialidade do encontro com o outro no constituir-se professor(a). **Nodos y Nudos**, [S. l.], v. 5, n. 42, p. 27-36, 2017. DOI: 10.17227/nyn.vol5.num42-8027. Disponível em: <https://revistas.pedagogica.edu.co/index.php/NYN/article/view/8027>. Acesso em: 7 jun. 2022.

SAMPAIO, Carmen Sanches. **Redes de formação docente: pensar por si é pensar com o outro**. RIOS, V. P. Jane Adriana (org.) **Profissão Docente em questão**. Salvador: EDUFBA, 2021.

SAMPAIO, Carmen Sanches; GÓMEZ Sosa, Maria Yanet; RIBEIRO, Tiago. **Del encuentro-maestro, del cuidado y de las redes y colectivos docentes en América Latina**. Revista FAEEBA- Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 31, n.66, p. 59-73, abr./jun.2022.

SANTOS, Antônio Bispo dos. Início, Meio, Fim. In: SANTOS, A, B; MUMBUCA, Ana; MAIA, Joviano; RUFINO, Luiz. **Quatro Cantos**. N-1 edições + roça de quilombo, 2022.

SIMAS, Luiz Antonio e RUFINO, Luiz. **Fogo no mato. A ciência encantada das macumbas**. Rio de Janeiro, Mórula Editorial, 2018.

SIMAS, Luiz Antonio. **Umbanda: uma história do Brasil**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

SOUZA, Aparecida Neri de. Organização e condições do trabalho moderno: precarização do trabalho docente. **III Seminário da Rede de Pesquisadores sobre Associativismo e Sindicalismo dos Trabalhadores em Educação**. Rio de Janeiro, 2011.

VARANI, A. **Trabalho coletivo docente como espaço de re-existência.** In: COSTA, Adriana Alves Fernandes; CUNHA, Renata Cristina Oliveira Barrichelo; PRADO, Guilherme do Val Toledo; EVANGELISTA, Francisco (Orgs.). Narrativas, formação de professores e subjetividades democráticas. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 199p.

Revisores de línguas e ABNT/APA: Talita Cabral

Submetido em 12/02/2023

Aprovado em 31/10/2023

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)